



Sherlock Holmes
em:
As três empenas

Por Sir Arthur Conan Doyle

PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)

CPTurbo.org

Não creio que qualquer das minhas aventuras com o sr. Sherlock Holmes tenha começado de maneira tão violenta ou tão dramática como a que costumo chamar "As Três Empenas". Havia já alguns dias que eu não via Holmes, e não fazia idéia do novo rumo que tinham tomado suas atividades. Contudo, naquela manhã, meu amigo estava com vontade de conversar, e tinha acabado de me mandar sentar na cadeira de braços, muito gasta e baixa, a um canto da lareira, enquanto ele, de cachimbo na boca, afundara-se na cadeira que ficava em frente, quando nosso visitante chegou. Para dar uma impressão exata do que ocorreu, será melhor dizer logo que tinha chegado ali uma espécie de touro bravo.

A porta abriu-se de repelão, e um negro espadaúdo irrompera sala adentro. Seria uma figura cômica se não fosse terrível, pois usava um terno xadrez cinza muito berrante, com uma gravata salmão tremulando ao vento. Seu rosto largo e o nariz esborrachado projetavam-se para a frente, enquanto os olhos negros, nos quais se podiam vislumbrar ainda chispas de malícia, giravam de mim para Holmes e deste para mim.

— Qual dos dois cavalheiros aqui presentes é o sr. Holmes? — perguntou.

Holmes ergueu o cachimbo com um sorriso lânguido.

— Oh, é o senhor! — disse nosso visitante, contornando a mesa com um passo antipático e sorrateiro. — Olhe lá, sr. Holmes, acho melhor não se meter onde não é chamado. Deixe os outros tratarem do que lhes compete. Percebeu, sr. Holmes?

— Continue — pediu Holmes. — Está indo muito bem.

— Ah, é — rouquejou o selvagem. — Deixará de pensar assim se eu lhe mostrar com quantos paus se faz nina canoa. Já tratei com gente de sua espécie, e no fim já não pareciam tão bem depois que cuidei deles. Olhe aqui, sr. Holmes!



Dizendo isso, arregaçou as mangas e agitou no ar, bem junto ao nariz do meu amigo, um punho enorme, cheio de nós.

Holmes examinou-o de perto, com fingido interesse, e indagou:

— Você nasceu assim ou foi se transformando aos poucos?

— Talvez tenha sido a gélida frieza do meu amigo, ou talvez o ligeiro ruído que fiz ao empunhar o atizador do fogo. O certo é que nosso visitante moderou um pouco seus ímpetos.

— Bem, considere-se avisado — disse ele. — Um amigo meu tem seus negócios lá para as bandas de Harrow (o senhor sabe o que quero dizer) e não deseja vê-lo metido neles. Compreendeu? Nem o senhor nem eu representamos a lei, e se o senhor for lá, vai me encontrar pela frente. Não se esqueça.

— Já há muito tempo que eu queria me encontrar com você — disse Holmes.
— Não lhe peço que se sente porque seu cheiro me desagradava, mas você não é Steve Dixie, o lutador?

— É esse o meu nome, sr. Holmes, e o senhor vai pagar caro se continuar a me insultar.

— Não é de insultos que você precisa — disse Holmes, olhando fixo para a boca horrenda do nosso visitante. — Mas que me diz do assassinato do jovem Perkins, em frente ao Holborn Bar.... Como? Já vai?

O negro dera um pulo para trás, e seu rosto tornou-se cor de chumbo.

— Não quero ouvir falar nisso — disse. — Que tenho eu a ver com esse Perkins, sr. Holmes? Eu estava treinando no Buli Ring, em Birmingham, quando ele se meteu em encrencas.

— Sim, você deve dizer isso ao magistrado, Steve — continuou Holmes. — Estive observando você e Barney Stockdale...

— Valha-me Deus! sr. Holmes...

— Basta. Vá embora, vá! Quando eu precisar de você, chamo-o.

— Passe bem, sr. Holmes. Espero que não fique me querendo mal por causa desta visita.

— Não ficarei, se me disser quem o mandou aqui.

— Oh, não há segredo nisso, sr. Holmes. Foi o cavalheiro que o senhor acaba de mencionar.

— E quem o instigou a isso?

— Meu Deus! Não sei, sr. Holmes. Ele apenas me disse: "Steve, vá procurar o sr. Holmes e diga-lhe que sua vida corre perigo, se ele vier a Harrow". Eis toda a verdade.

Sem aguardar nova pergunta, nosso visitante saiu da sala quase tão precipitadamente como quando entrara. Holmes bateu no cachimbo para esvaziá-lo e deu uma risadinha de satisfação.

— Ainda bem que você não foi obrigado a lhe pentear a carapinha, Watson. Estive observando suas manobras com o atizador. Mas na verdade ele é um

indivíduo inofensivo, uma criança grande e musculosa, um fanfarrão idiota, facilmente assustadiço, como você viu. Pertence ao bando de Spencer John, e ultimamente tomou parte em atos sujos, que ainda sou capaz de pôr em pratos limpos quando tiver tempo. Barney, o chefe dele, é um sujeito mais astuto. São especializados em assaltos, intimidação e coisas assim. O que desejo saber é quem está por trás deles neste caso.

— Mas por que é que eles querem intimidá-lo?

— É a propósito desse caso de Harrow Weald. Isso acaba de me decidir a examinar o assunto, pois se alguém está com tanto interesse nisso é porque deve haver algo aí.

— Mas o que se passa?

— Eu ia lhe contar quando fomos interrompidos por essa pequena cena cômica. Aqui está o bilhete da sra. Maberley. Se quiser vir comigo, podemos telegrafar a ela e partir imediatamente.

"Prezado sr. Sherlock Holmes: [li eu]

Tem havido uma série de estranhos incidentes relacionados com esta casa, e eu gostaria muito de ouvir sua opinião. Amanhã o senhor me encontrará em casa a qualquer hora. A casa fica a curta distância da Estação de Weald. Creio que meu finado marido, Mortimer Maberley, foi um de seus antigos clientes.

Subscrevo-me atentamente,

Mary Maberley."

O endereço era: "As Três Empenas, Harrow Weald".

— Aqui tem — disse Holmes. — E agora, se dispõe ilc tempo, Watson, partimos imediatamente.

Uma curta viagem de trem e um trajeto ainda mais curto de carruagem levaram-nos à casa, uma vila de madeira e tijolo, localizada num terreno gramado. Três pequenas saliências acima das janelas superiores eram uma débil tentativa de justificar-lhe o nome. Ao fundo, um bosque de pinheiros melancólicos e de pouca altura. Todo o aspecto do lugar era de desolação. Sem dúvida, a casa parecia bem planejada, e a dama que nos recebeu era de certa idade, muito fina, com todos os indícios de esmerada educação e cultura.

— Recordo-me muito bem de seu marido, minha senhora — disse Holmes —, embora tenha sido há anos que ele se serviu dos meus préstimos em algum assunto de pouca importância.

— É provável que o nome de meu filho, Douglas, seja-lhe mais familiar.

Holmes olhou para ela com grande interesse.

— Realmente! A senhora é a mãe de Douglas Maberley? Conheci-o vagamente. Mas Londres inteira o conheceu, é claro. Que criatura magnífica!

Por onde ele anda atualmente?

— Morreu, sr. Holmes! Era adido diplomático em Roma, e lá faleceu, de pneumonia, o mês passado.

— Sinto muito. Ninguém poderia ligar a idéia de morte a um tal homem. Jamais conheci alguém com tanta vitalidade. Ele vivia intensamente, com cada fibra de seu ser!

— Intensamente demais, sr. Holmes. Foi o que o arruinou. O senhor se lembra dele como era, afável e esplêndido, mas não viu a criatura irritadiça, rabugenta, concentrada, em que Douglas se transformou. Seu coração estava partido. Num mês, a impressão que tive do meu valente rapaz foi de que se convertera num misantropo cansado de tudo.

— Alguma aventura amorosa, uma mulher?

— Ou algum demônio... Mas não foi para falar de meu filho que eu o chamei, sr, Holmes.

— O dr. Watson e eu estamos às suas ordens.

— Têm-se verificado aqui algumas ocorrências bastante estranhas. Já há mais de um ano que estou nesta casa, e, como desejava levar uma vida retirada, tenho tido poucas relações com meus vizinhos. Há três dias recebi a visita de um homem que se apresentou como corretor de imóveis. Disse que esta casa conviria exatamente a um cliente seu e que, se eu quisesse dispor dela, podia fazer o meu preço. Isso me pareceu um tanto estranho, visto haver à venda várias casas vazias e em iguais condições, mas naturalmente a proposta me interessou. Assim sendo, pedi quinhentas libras a mais do que eu dera por ela. Ele concordou imediatamente, acrescentando, porém, que seu cliente desejava comprar também a mobília, e por isso indagou quanto eu pedia por ela. Parte desta mobília vem de minha antiga casa e é, como o senhor vê, muito boa, de maneira que falei numa boa quantia redonda. Também com isso o homem logo concordou. Sempre desejei viajar, e o negócio era tão bom que realmente me pareceu que seria senhora de mim para o resto de minha vida.

"Ontem, o homem chegou com o contrato já lavrado. Felizmente, tive a idéia de mostrá-lo ao sr. Sutro, meu advogado, que mora em Harrow. Ele me disse: "É um documento extravagante. A senhora percebeu que, se o assinar, não poderá levar coisa alguma da casa... nem sequer seus objetos de uso particular?" Quando o homem voltou, à tarde, falei-lhe nisso e disse-lhe que tencionava vender apenas a mobília.

"— Não, não; tudo — respondeu ele.

"— Mas, e as minhas roupas? As minhas jóias?

"— Bem. Pode ser feita alguma concessão quanto a objetos de uso estritamente pessoal. Mas nada sairá da casa sem estar devidamente visado.

Meu cliente é um homem muito liberal, mas tem lá suas manias e o seu modo peculiar de fazer as coisas. Com ele é tudo ou nada.

"— Então terá de ser nada — disse eu.

"E o negócio parou aí. Mas a coisa me pareceu tão insólita que pensei... "



Aqui deu-se uma interrupção bastante extraordinária. Holmes levantou a mão como para pedir silêncio. Depois, atravessou a sala, abriu violentamente a porta e arrastou para dentro uma mulher alta e magra, que ele agarrara pelo ombro. Ela entrou, debatendo-se desastrosamente, como um frango descomunal e desajeitado que tivessem tirado do galinheiro, apesar de seus ruidosos protestos.

— Largue-me, deixe-me! Que está fazendo? — dizia a mulher, esganiçando-se.

— Susan, que é isso?

— Minha senhora, eu vinha perguntar se os visitantes ficavam para o almoço quando este homem avançou para mim.

— Eu a estava ouvindo há uns cinco minutos, mas não queria interromper esta interessante narrativa. Você é um pouco asmática, não é verdade, Susan? Resfolega alto demais para o trabalho de que a encarregaram.

A interpelada exibiu ao seu interlocutor uma expressão em que se via, ao lado da irritação, o assombro.

— Quem é o senhor, afinal, para me empurrar dessa maneira?

— Fiz isso simplesmente porque desejava fazer uma pergunta na sua presença. Sra. Maberley, disse a alguém que ia me escrever e me consultar?

— Não, sr. Holmes, não disse a ninguém.

— Quem pôs a carta no correio?

— Foi Susan.

— Claro. Agora, Susan, a quem foi que você escreveu ou mandou recado dizendo que sua patroa me pedia conselho?

— É mentira. Não mandei recado nenhum.

— Olhe, Susan, os asmáticos não têm vida longa. Você sabe disso. E é feio pregar mentiras. A quem foi que você disse?

— Susan! — gritou a patroa. — Creio que você é uma mulher má e traiçoeira. Lembro-me agora de vê-la falando com alguém por cima da sebe.

— Isso não é da conta de ninguém — disse a mulher, bastante exasperada.

— E se eu lhe disser que estava conversando com Barney Stockdale? — disse Holmes.

— Pois se o senhor sabe, que mais quer saber?

— Não tinha certeza, mas agora tenho. Escute, Susan, você pode ganhar dez libras se me disser quem protege Barney.

— Alguém capaz de oferecer mil libras para cada dez que o senhor tem no mundo.

— Sujeito rico, hein? Ah, você sorriu... Então não é sujeito, é *sujeita*. Já que chegamos até este ponto, diga o nome e ganhe as dez libras.

— Vá para o inferno!

— Oh, Susan! Dobre a língua!

— Vou é sair daqui. Estou cheia de todos. Amanhã mando buscar minhas coisas.

Dirigiu-se arrebatadamente para a porta.

— Adeus, Susan. Tome um calmante... Agora — continuou Sherlock, passando subitamente do jocoso para o sério assim que a porta se fechou à passagem da abespinhada mulher —, este bando não é de brincadeira. Veja como não perdem tempo. A carta que a senhora me escreveu traz no carimbo a indicação de dez horas da noite. E contudo Susan fala a Barney. Este tem tempo de procurar o patrão para receber instruções; ele ou ela (em vista do sorriso zombeteiro de Susan quando pensou que eu tinha errado, inclino-me a que seja ela e não ele) traça um plano de ação. Convoca-se o negro Steve, e no dia seguinte, às onze horas da manhã, eu recebo a intimação. Trabalho rápido, como se vê.

— Mas que pretendem eles?

— Eis a questão. Quem era o dono desta casa antes da senhora?

— Um capitão reformado de nome Ferguson.

— Há alguma coisa a respeito dele?

— Que eu saiba, não.

— Quem sabe se ele teria escondido aqui alguma coisa? Apesar de, hoje em dia, as pessoas esconderem seus tesouros nos bancos. Todavia, sempre há lunáticos por aí. Sem eles, o mundo seria um lugar triste. A princípio, pensei na possibilidade de haver alguma coisa de valor escondida por aí. Mas, nesse caso, por que haviam de querer sua mobília? Será que a senhora possui, sem o saber, alguma tela de Rafael ou uma primeira edição de Shakespeare?

— Não. Acho que não possuo nada mais precioso do que um serviço de chá em porcelana de Derby.

— Isso, a meu ver, não justificaria todo esse mistério. Ademais, por que não exporiam eles francamente o que desejam? Se cobiçam seu serviço de chá, podem certamente oferecer um preço por ele sem precisar lhe comprar tudo, até quase a roupa do corpo. Não. Parece-me que há por aí alguma coisa que a senhora ignora possuir e que não daria se soubesse que possui.

— É o que também me parece — disse eu.

— Se o dr. Watson o diz, é porque assim é.

— Então, sr. Holmes, que poderá ser?

— Vejamos se, por meio desta análise meramente mental, podemos chegar a algo de mais positivo. A senhora está nesta casa há um ano.

— Há quase dois.

— Tanto melhor. Durante todo esse tempo, ninguém quis nada da senhora. Agora, de repente, de três ou quatro dias para cá, a senhora está sendo assediada. Que conclui daí?

— Só pode significar — disse eu — que o objeto, seja ele qual for, chegou aqui há pouco.

— O dr. Watson tem novamente razão — disse Holmes. — Então, sra. Maberley, chegou aqui recentemente algum objeto?

— Não. Não comprei nada de novo este ano.

— Deveras? Não deixa de ser notável. Bem. Julgo que é melhor deixar que os fatos avancem um pouco mais, até conseguirmos dados mais concretos. Esse seu advogado é homem competente?

— O sr. Sutro é muito competente.

— A senhora tem outra criada, ou só estava aqui a bela Susan, que acaba de



sair?

— Tenho aqui uma mocinha.

— Então veja se Suro se dispõe a passar uma noite ou duas aqui na casa. É possível que a senhora venha a precisar de proteção.

— Contra quem?

— Como se há de saber? O caso está certamente obscuro. Se não consigo

descobrir aquilo que eles perseguem, tenho de abordar o assunto pela outra extremidade, e ver se chego ao principal. O corretor de imóveis deixou algum endereço?

— O cartão de visita só traz o nome e a ocupação. Haines-Johnson, corretor de imóveis e avaliador.

— Não tenho esperanças de encontrar esse nome nas listas telefônicas. Um homem honesto não oculta o lugar onde trabalha. Quanto ao resto, a senhora me informará do que houver. Aceitei o seu caso, e pode ficar tranqüila que o deslindarei.

Ao atravessarmos a sala de entrada, os olhos de Holmes, aos quais nada escapava, pousaram sobre várias malas e caixotes empilhados a um canto. Os rótulos que traziam eram bem visíveis.

— "Milano", "Lucerna". Isso vem da Itália.

— São as coisas do meu pobre Douglas.

— A senhora ainda não mexeu nesses objetos? Quando foi que os recebeu?

— Chegaram a semana passada.

— Mas a senhora disse... ora, certamente temos aqui o elo que faltava. Quem nos diz que não há aí alguma coisa de valor?

— Não é possível, sr. Holmes. O pobre Douglas tinha apenas seu ordenado e uma pequena mesada. Que podia ele possuir de valioso?

Holmes refletiu alguns momentos.

— Não perca tempo, sra. Maberley — disse por fim. — Mande essas coisas para o seu quarto. Examine-as o mais depressa possível e veja o que contêm. Virei amanhã para saber o que há.

Era evidente que As Três Empenas estava sob severa vigilância, porque, quando dobrávamos a sebe alta, no extremo da vereda, lá estava o negro

pugilista, à sombra. Aproximamo-nos dele cautelosamente, e aquele vulto nos pareceu sinistro e ameaçador. Holmes levou a mão ao bolso.

— Procura o revólver, sr. Holmes?

— Não, Steve. Procuo meu frasco de perfume.

— O senhor é engraçado, sr. Holmes, não é verdade?

— Mas não achará graça nenhuma em mim, Steve, se eu começar a andar no seu encalço. Avisei-o hoje de manhã.

— Pois bem, sr. Holmes. Pensei no que o senhor me disse, e não desejo que toque mais no negócio do sr. Perkins. Suponhamos que eu possa ajudá-lo, sr. Holmes. Que tal?

— Diga-me então quem está por trás de você, neste serviço.

— Benza Deus! Eu já lhe disse a verdade, sr. Holmes. Não sei. Meu patrão Barney me dá ordens, e eu as cumpro. É só isso.

— Tenha pois em mente, Steve, que a dona daquela casa e tudo o que há sob aquele teto estão sob minha proteção.

— Perfeitamente, sr. Holmes. Vou procurar me lembrar.

— Fiz com que temesse pela própria vida, Watson — observou Holmes, enquanto nos púnhamos de novo a caminho. — Creio que ele trairia o patrão se soubesse quem é o chefe. Minha sorte foi eu ter algum conhecimento do bando de Spencer John, e Steve pertencer a esse bando. Escute, Watson. Este é um caso para Langdale Pike, e vou procurá-lo agora mesmo. Quando estiver de volta, talvez já disponha de mais dados.

Não tornei a ver Holmes durante aquele dia, mas calculei como o passara, porquanto Langdale Pike era seu manual vivo de consulta sobre todos os escândalos sociais. Essa estranha e lânguida criatura passava as horas em que estava acordada na sacada de um clube da St. James's Street, e era a estação receptora e transmissora de todas as bisbilhotices da metrópole. Amealhava, dizia-se, uma boa renda com os artigos que escrevia toda semana para jornais ordinários, ávidos de satisfazer a curiosidade mórbida dos leitores. Toda vez que, no mar denso da vida londrina, havia algum estranho redemoinho, era logo registrado, com exatidão automática, por aquele arquivo humano. Discretamente, Holmes ajudava Langdale com suas informações, sendo, por sua vez, ajudado por ele.

Quando, na manhã seguinte, fui me encontrar com meu amigo em seus aposentos, percebi, pelo seu ar, que tudo ia bem, mas apesar disso aguardávamos uma notícia bastante desagradável. Estava contida no seguinte telegrama:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

